

A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO GÊNERO TIRA: UMA LEITURA ANALÍTICA DE MAFALDA

Décio Dantas Do Nascimento¹; Paulo Garbelotto Henrique Silva²; Eduarda Maria Souza Fernandes³;

¹Mestrando no programa Docência para a Educação Básica pela Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Bauru/SP - dantas-decio@hotmail.com; ²Mestrando no programa Docência para a Educação Básica pela Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Bauru/SP – paulogarbeloto@hotmail.com; ³Mestranda no programa Docência para a Educação Básica pela Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Bauru/SP – dusoufernandes@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a constituição dos sentidos nas tirinhas de Mafalda, personagem de Quino, para o referido estudo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica com o objetivo de analisar, descobrir e descrever as características composicionais, temáticas e estilísticas que compõem o gênero textual tira. As teorias do texto servirão de subsídio teórico às análises do corpus escolhido, evidenciando quais fatores devem ser levados em consideração no momento da leitura, fatores de ordem pragmática (foco na situação contextual) e de ordem cognitiva, além da leitura do plano linguístico e visual. Serão analisadas três tiras, protagonizadas por Mafalda, para mostrar como o gênero exige aplicabilidade leitora do sujeito, numa relação de interdependência de elementos a serem acionados na constituição dos sentidos textuais, elementos de ordem linguística, estrutural, histórica e social.

Palavras-chave: Gênero textual. Tirinha. Mafalda. Construção dos sentidos.

1. INTRODUÇÃO

Os textos contemporâneos têm apresentado uma tendência cada vez mais frequente no que tange à associação entre imagem e palavra para a produção de sentido em diversos contextos comunicativos. Dentre os gêneros exploradores dessa associação pode ser destacado o gênero História em Quadrinhos (HQs) ou, mais precisamente, as tirinhas, textos ganhadores de enorme destaque, inclusive na mídia, devido aos seus modelos icônico ou icônico-verbal (fusão da palavra com os desenhos), conquistando mais e mais leitores.

Nesse trabalho o foco será abordar o gênero tirinha a partir de um olhar investigativo em relação ao sentido desencadeado pela junção da linguagem verbal e não verbal, associado, obviamente, a todos os outros fatores que garantem coerência ao texto, incluindo fatores de ordem pragmática (com foco na situação contextual) e de ordem cognitiva.

2. HABILIDADES DE LEITURAS REQUERIDAS

Todo texto é ideologicamente marcado, justamente por isso, o sujeito leitor deve apresentar-se diante dele munido das habilidades necessárias para uma leitura eficiente, crítica

e produtiva. O texto enquanto material discursivo sofre influências na sua constituição; fatores de ordem social, histórico, pessoal, cultural e outros influem na produção discursiva. Não é possível sequer definir todos os elementos que interferem nas produções discursivas e isso obriga o leitor a conscientizar-se de que nenhum dizer é homogêneo e inocente, pois ao sofrer interferência do meio e, obviamente, dos sujeitos, o dizer passa a ter um caráter heterogêneo e manipulador. Segundo Cirne, 2000:

[...] não podemos achar que este ou aquele escritor (ou cineasta, músico, teatrólogo, quadrinhista) se encontra à margem do processo social e cultural que o forma. Por mais medíocre ou ingênua que seja, nenhuma arte é inocente. Por mais genial ou renovadora que possa ser, nenhuma arte é gratuita [...]. (p.42)

Por esse motivo o sujeito leitor precisa compreender que todo texto está impregnado de ideologias defendidas pelo autor, que é um sujeito inserido num determinado tempo e espaço, receptor das influências desse tempo e espaço nas suas produções discursivas e textuais - conscientes ou inconscientes. Como declara Fiorin (2001, p. 30), ao afirmar que “A ideologia é constituída pela realidade e constituinte da realidade. Não é um conjunto de ideias que surge do nada ou da mente privilegiada de alguns pensadores [...]”

2.1 O GÊNERO TEXTUAL “TIRINHA”

A tirinha serve-se de uma linguagem mista (verbal e não verbal) para construir sentidos, isso é um dos elementos que colabora para que o gênero se estabeleça como um dos mais apreciados entre os leitores contemporâneos. Por se tratar de uma forma de literatura popular, há um apelo para a cultura de massa e está organizada sobre bases comerciais que visam conseguir uma grande quantidade de leitores/consumidores.

Com relação à origem do gênero, há estudiosos que dizem que suas primeiras manifestações estão associadas à arte rupestre e medieval, de fato não se pode negar que o uso da imagem sempre teve grande influência na constituição da linguagem de vários povos, entretanto a evolução do gênero como se conhece hoje, só ocorreu a partir da criação de “Menino Amarelo” (Yellow Kid), no fim do século XIX, mais precisamente em 1894, desenhado por Richard Outcault e publicado semanalmente no jornal New York World. A grande novidade foi o fato de o texto deixar de vir no rodapé do desenho (como se fazia antes) e passara a vir junto ao personagem, era o início do advento dos balões, incorporados ao gênero HQs.

Vale ressaltar ainda que as tiras, corpus de análise deste trabalho, são um subtipo das HQs, mais curtas, podendo ter até quatro quadrinhos em sua constituição, é um texto mais sintético. Essa característica de serem mais curtas facilita a sua adequação aos suportes em que são veiculadas, já que esse gênero geralmente está presente em jornais, periódicos e revistas, o que justifica certamente a necessidade da concisão das tiras.

Eisner (2012), um dos maiores mestres na arte dos quadrinhos, define o gênero como “arte sequencial”, porque a história em quadrinho é uma sequência de acontecimentos ilustrados, em que se pode optar por aplicar ou não aplicar texto verbalizado, trata-se de uma narrativa visual que envolve vários elementos significativos em sua constituição. Podemos citar como elementos constituintes das HQs: quadros, balões, imagens, onomatopéias, diálogos, cores, entre outros recursos atraentes.

3. MAFALDA

As tiras de Mafalda foram produzidas de 1964 a 1973 pelo autor Quino, de nacionalidade argentina. Mafalda é uma personagem infantil, trata-se de uma menina de seis anos que age como um adulto-crítico-politizado, adora discutir assuntos relevantes para a sociedade, temas como: feminismo, meio ambiente, capitalismo, igualdade de direitos, ditadura militar, democracia, problemas sociais e uma porção de temas que até hoje permeiam as discussões mundiais.

A origem da personagem inicialmente não tinha a pretensão de ser o que ela é hoje, a priori Mafalda foi criada para ser uma das personagens de uma campanha publicitária de eletrodoméstico. As tiras acabaram não sendo usadas pela empresa chamada “Mansfield”, entretanto três tiras da personagem foram publicadas numa revista chamada Leoplán, e posteriormente, no dia 29 de setembro de 1964, a tira passou a ser publicada semanalmente no jornal Primera Plana, onde ficou até março de 1965. Concomitante a esses acontecimentos a personagem foi ganhando fama e destaque, novos personagens surgiram. Em 1966 foi publicado o primeiro livro com tiras da personagem e depois desta data, livros com tiras da Mafalda e sua turma passaram a ser publicados anualmente, foram produzidos dez livros no total, e vários países traduzem e difundem ainda hoje a criação de Quino.

4. METODOLOGIA

O presente trabalho utilizou como metodologia a pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir da análise das tiras da personagem Mafalda com o objetivo de analisar, descobrir e descrever as características composicionais, temáticas e estilísticas que compõem o gênero textual tira e evidenciar o quanto a fusão da linguagem verbal e não verbal exige aplicabilidade leitora na construção para os sentidos do texto.

5. CONCLUSÕES

Segue-se a primeira tira escolhida para compor o corpus deste trabalho.

Tira I



A leitura desta tira traz ao leitor, simultaneamente, o humor e a reflexão. Ao se ler Quadro a Quadro, associando-os, tendo em vista que são as partes que compõem o todo

(História), nota-se quão crítico o texto é. A linguagem mista presente chama a atenção e cumpre seu papel atrativo, entretanto a tirinha está carregada de informação verbal em seus balões, aliás, uma das características de Mafalda é a força argumentativa da linguagem verbal presente em algumas de suas tiras.

A quantidade de linguagem verbal presente no texto apresentado na fala dos personagens é justificável pelo teor e relevância do tema, o texto verbal influi e tem papel decisivo no discurso contestatório da tira. A leitura da imagem é orientada pelo verbal. Assim, pode-se perceber no 1º quadro, Mafalda e Filipe (amigo de Mafalda, criança que vê a vida de forma mais simples e de acordo com sua idade, é sonhador, detesta a escola e se apresenta com grande senso de responsabilidade) se deslocando rapidamente, esse movimento rápido e empolgado dos personagens é ratificado pela fala de Mafalda que revela muito interesse em escutar no noticiário as últimas notícias sobre a corrida espacial.

No 2º quadro a empolgação continua, Mafalda liga o rádio com grande entusiasmo, nesse momento há um deslocamento da linguagem verbal passando a representar a fala do personagem Filipe:

“Vida em Marte! Não te surpreende que haja vida noutros planetas?”

Essa fala é de suma importância para a construção do sentido proposto nesta tira, pois Mafalda vai se apoiar neste dito para tecer a sua crítica. É mister ressaltar que as tiras de Quino são repletas de críticas, nessa em especial a crítica é destinada aos homens que fazem guerra e destroem uns aos outros.

No 3º quadro, a voz do rádio (um dos principais veículos informativos da época e um elemento bastante explorado por Quino em seus quadrinhos) é o diálogo forte que orienta a leitura da imagem. A expressão das personagens, antes de empolgação, agora passa a ser de espanto, tudo porque em poucos minutos o rádio noticiou uma porção de guerras e conflitos, tudo verbalizado, o que manipula a leitura da imagem (Bombardeio no Vietnã, desacordo com relação à questão nuclear em Genebra, Tiroteio na Jordânia com tropas israelitas). Tantas guerras entre povos é o que Quino, como sujeito ideológico, vai criticar usando sua personagem Mafalda, apresentada ao leitor com aparência de criança, entretanto com seu discurso profundamente reflexivo e maduro em relação às questões sociais.

O 4º quadro é a consumação da proposta textual que, num primeiro momento, se apresenta como lúdica; entretanto, ao final, se revela complexa tendo em vista que a crítica, na última fala de Mafalda, se apresenta de forma intensa e realista: “O que me surpreende é que haja vida **NESTE PLANETA.**”

Merece reflexão o discurso da personagem, a vida insiste em resistir num mundo cheio de guerras, em meio a bombardeios nucleares e tiroteios sangrentos. Note-se o destaque, em letra maior e em negrito, dado à expressão “**NESTE PLANETA**”, que marca, além da entonação verbal da personagem, a dura alusão ao planeta terra, ou melhor, às atitudes humanas na terra, marcadas textualmente pelos dizeres do rádio no quadrinho anterior. A organização dos quadrinhos, unida ao conhecimento de mundo do leitor sobre o significado das declarações ouvidas por Mafalda pelo rádio, permitem a construção de sentido crítico, com o qual o leitor acaba sendo levado a concordar. O centro da atenção se evidencia, não propriamente na personagem Mafalda, mas em todos os elementos discursivos, inclusive naqueles que se insinuam contextualmente. Segundo EISNER, 2012, p.163:

Cada Quadrinho deve ser considerado como um palco onde se arranjam os elementos da cena. Devem ser dispostos com um propósito claro. Nada, numa página ou num quadrinho, deve estar lá ao acaso. A coisa mais importante ao se compor uma cena é levar em conta qual deve ser o centro da atenção.

Portanto, nesse texto o sentido é orientado pelos diálogos fortes e em abundância. O centro condutor de ideologia é o discurso verbalizado, já a imagem assume importante papel lúdico associado ao poder de síntese e representa os enunciadores com seus dizeres. Mafalda, Filipe e o rádio são imagens que representam os sujeitos, mas para que haja uma leitura interativa é preciso que o leitor partilhe de conhecimento de mundo e imagens semelhantes aos do autor. Eisner (p.162, 2012) declara: [...] “É preciso que se desenvolva uma interação, porque o artista está evocando imagens armazenadas na mente de ambas as partes.”

As memórias sociais e históricas tecem as amarrações necessárias ao sentido e permitem a Mafalda declarar que sua estranheza é de ainda haver vida na Terra e não “em outros planetas”, como sugeriu seu amigo. O leitor, sujeito que compartilha dos conhecimentos necessários à configuração do sentido, constrói num processo interativo o reconhecimento de sentido para os dizeres de Mafalda na tira em questão.

Tira II



Na primeira tira analisada, a linguagem verbal é o meio orientador da leitura e do sentido da tira, em contraponto a primeira tira, esta não é construída na abundância de diálogos, a quantidade de texto é suprimida e a exploração dos signos visuais é maior. O que permite essa alternância e focalização, ora no discurso verbalizado ora no discurso imagético, é a configuração do gênero tira, tendo em vista, como já foi dito, ser ele um gênero multimodal cujo sistema semiótico abrange o verbal e o não verbal, numa relação de interdependência. A leitura quadro a quadro vai revelando as intenções de Quino.

No 1º quadro, Filipe aparece na porta, sua posição é a de quem acabou de chegar para fazer uma visita, Mafalda é quem o recebe e logo faz um gesto com a mão, este é típico de quem pede silêncio (dedo estendido em frente à boca), sua fala reitera o pedido de silêncio e a interjeição ‘*Psiu!*’ na fala da personagem ratifica esse desejo. A fala de Mafalda evidencia porque ela quer silêncio ‘*Psiu! Fala baixo! Tem um doente em casa!*’, ou seja, o sujeito leitor é levado a recuperar cognitivamente a experiência de “ter um doente em casa” que precisa de repouso e descanso para se recuperar. As associações do gesto e do discurso verbal criam a cena e manipulam a leitura do texto como um todo. A expectativa do leitor é em torno de quem é o doente, ou seja, ao revelar que há um doente em casa, Quino introduz o tema da tira.

No 2º quadro os personagens estão caminhando em direção a outro cômodo da casa, a postura corporal voltada em movimento para a direita tem essa intenção, ou seja, induz o

leitor a perceber esse deslocamento. Filipe pergunta a Mafalda se é o pai dela quem está doente, a resposta é negativa. A resposta da menina aumenta a expectativa do leitor. Quem será o doente? Essa é a intenção do autor (gerar expectativa) para que no final da tira tal expectativa se transforme em reflexão.

A tentativa de elucidar quem seria o doente se mantém no 3º quadro onde Filipe pergunta se é a mãe de Mafalda quem está doente e novamente a resposta da menina é negativa, o que colabora para aumentar ainda mais a expectativa do leitor.

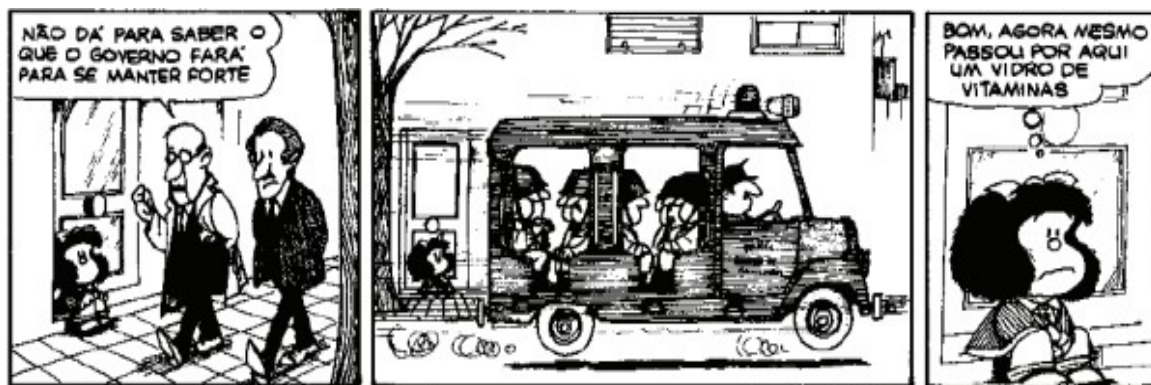
Finalmente, no 4º quadro, Filipe e o leitor descobrem concomitantemente quem é o doente da casa. O enfermo está representado pelo ícone do globo terrestre, este fato causa estranheza em quem lê e pode complicar o entendimento da tira, caso o leitor não partilhe das imagens criadas por Quino. Por que Quino escolhe um globo terrestre para representar um doente?

Primeiro o gênero propicia este trabalho com a imagem; o texto verbal colabora para a criação do evento comunicativo, mas é a imagem o ponto alto dessa tira, tudo porque há uma associação da imagem da cama com o globo sobre ela, possibilitando a leitura de que o mundo está doente e precisa de cuidados. Sendo o globo uma representação do mundo físico, político e geográfico, a imagem autoriza as seguintes leituras: o globo representa toda a terra, então, segundo o plano discursivo de Quino, o mundo está doente devido à intervenção humana.

Ler desta maneira não é tão simples quanto parece, o explícito dessa tira nos autoriza a fazer essa leitura, mas para que ela se consolide é preciso muita interação por parte do sujeito leitor, uma vez que implícitos estão em vários fatores para a ‘Doença do mundo’, dentre eles: os conflitos políticos e ideológicos que assolavam o mundo na época da produção das tira de Mafalda, as guerras envolvendo vários países do globo, a fome, as doenças, a criminalidade, a miséria, todas essas são hipóteses que autorizam o leitor, por meio de inferências, a configurar o sentido discursivo. Assim, a atuação do leitor é fundamental no processo significativo já que “A leitura de uma história em quadrinhos não é em si um ato fácil ou indolente. Ela pode tornar-se isso para leitores pouco exigentes que se satisfaçam com uma abordagem superficial” (Quella Guyot, 1994, p.82), abordagem esta inaceitável, como se percebe, diante dos textos de Quino.

É relevante aferir ainda ao fato de que, após a tirinha em análise, outras foram desenvolvidas sobre a mesma temática, tendo a imagem do globo como ícone integrador de sentido e criticidade.

Tira III



A tira III apresenta grande semelhança com a tira anterior, as escolhas do autor as aproximam, não pela temática, mas sim pela articulação dos códigos. A forma como Quino constrói a tira elege a imagem como semiose escolhida para compor e orientar a proposta discursiva desse texto.

São três quadros que vão se articular para compor a narrativa, dentre eles destaca-se o quadro intermediário, ele é maior que os seus pares e não há presença de diálogos. Analisaremos quadro a quadro para que possamos ter uma leitura satisfatória e elucidativa, visando ao estabelecimento da coerência.

No 1º quadro, podemos observar a presença de três personagens, dois senhores que conversam ao se deslocarem pela calçada e, mais ao fundo, Mafalda que está sentada em uma porta. A perna dos personagens em X pretende transmitir a ideia de deslocamento dos homens pela calçada, enquanto se deslocam também conversam, ao conversarem Mafalda escuta o que foi dito por um deles: “Não dá para saber o que o governo fará para se manter forte”.

No 2º quadro, maior que os demais, há apenas a conjugação de imagens, não há diálogos. Ele é de suma importância para que o leitor construa o sentido no processo de leitura, pois, como já fora dito neste artigo, nenhuma escolha é irrelevante, todas elas têm um porquê. Ao compor um quadro maior que os demais, Quino pretende que o leitor focalize-o como fundamental para o propósito enunciativo e a partir dele estabeleça inferências importantes para a construção da coerência.

O quadro em questão apresenta a imagem de um grande caminhão militar, com no mínimo nove passageiros, este se desloca muito rápido pela via (o que pode ser percebido pelos riscos no veículo e acima dele, a poeira deixada para trás, as rodas um pouco acima do chão - todos elementos indicativos de velocidade), e Mafalda, por estar na calçada ouvindo e observando, associa, no 3º quadro, o discurso dos transeuntes à imagem do automóvel militar e, ao fazer essa associação, revela ao leitor da tira a temática textual: ditadura militar.

Na conclusão da proposta discursiva, vemos um balão que representa o pensamento de Mafalda explicitando a associação entre o veículo cheio de militares e um vidro de vitaminas, ou seja, só usando de força militar o governo poderia se fortalecer. Retomemos a fala de Mafalda a fim de explicitar a articulação do 2º quadro com os demais:

“Bom agora mesmo passou por aqui um vidro de vitaminas”

O advérbio ‘aqui’ retoma a ideia do local - a rua - enquanto o sintagma nominal “vidro de vitaminas” se refere à imagem do caminhão cheio de militares. Assim, a metáfora organizada por Mafalda precisa ser reconstruída cognitivamente pelo leitor, capaz de recuperar a função de um vidro de vitaminas no organismo e associar essa ideia à função dos militares num governo ditador.

O fato dos militares conseguirem manter o governo forte remete, historicamente, à ditadura – momento histórico vivido pela Argentina na época - em que se utilizava da força, da violência, de repreensões para manter a “ordem” e combater as pessoas consideradas “anarquistas” ou “subversivas”. Eis neste ponto novamente a necessidade de ativação do conhecimento prévio do leitor para a construção do sentido, confirmando a teoria do texto que declara:

A pluralidade de leituras e de sentido pode ser maior ou menor dependendo do texto, do modo como foi constituído, do que foi explicitamente revelado e do que foi

implicitamente sugerido, por um lado e da ativação, por parte do leitor, de conhecimentos de natureza diversa [...] (KOCH e ELIAS, 2009, p. 22).

Necessário faz-se reafirmar que a organização da superfície textual, aliada a fatores diversos, tais como o contexto social, histórico e os conhecimentos cognitivos do leitor é que dão conta do todo significativo, permitindo ao sujeito evidenciar uma postura ideológica revelada na ação verbal da personagem: satiriza com propriedade a “força” do governo ditador argentino, trazendo nas entrelinhas a visão de um sujeito oposto à ditadura. Mais uma vez fica evidente a relação de dependência entre discurso, sujeito e ideologia.

Assim, para finalizar o trabalho aqui proposto, e reforçar a dinamicidade social e histórica da personagem Mafalda, evoca-se a explanação do professor Sírio Possenti que declara:

Das personagens infantis correntes, o melhor exemplo desta característica do humor de criança é certamente Mafalda, menina cujo discurso claramente nada tem de infantil. Não só sabe mais sobre política e outros temas adultos do que se imagina que uma criança saiba, como, principalmente, sabe sobre eles mais que a maioria dos adultos. O que produz efeito de humor, no entanto, não são apenas essas características do discurso de Mafalda. O que o provoca é que ela enuncia discursos contra-ideológicos, marcados, veiculadores de uma visão não conformista. Para usar um termo corrente no auge da circulação da personagem, Mafalda enuncia discursos que poderiam ser chamados de subversivos (as ditaduras vigoravam explicitamente), pondo continuamente em xeque as verdades oficiais e as dos adultos. Apenas secundariamente o prazer de ouvi-los se deve ao fato de que Mafalda é uma criança. (POSSENTI, 1998: p. 143)

Conclui-se, então, que humor e crítica misturam-se na composição dos discursos mafaldianos, exigindo do leitor das tiras de Quino, além de disposição reflexiva, o acionamento de saberes contextuais e históricos, marcados social e ideologicamente. Tecer a coerência dessas tirinhas é questão de atuar sobre o processo discursivo, não de forma passiva, mas ativa e interacional, conforme estabelece Koch (2005, p. 62):

Admitindo como certo que não existem textos escritos ou orais, totalmente explícitos, e que o texto se constitui de um conjunto de pistas destinadas a orientar o leitor na construção do sentido; e, mais ainda, que para realizar tal construção, ele terá de preencher lacunas, formular hipóteses, testá-las [...] tudo isso por meio de inferências que exigem a mobilização de seus conhecimentos prévios de todos os tipos, dos conhecimentos pressupostos e partilhados, do conhecimento da situação comunicativa, do gênero textual e de suas exigências, a compreensão terá de dar-se de forma não-linear.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como propósito apurar o percurso constitutivo dos sentidos na construção da coerência do gênero tira, mais especificamente nas tiras de Mafalda. Ficou evidente que ler Mafalda é buscar no mais sutil dos tecidos a proposta irônica e problematizadora da realidade, é inferir e refletir a partir dos arranjos composicionais e temáticos, é perceber o trabalho artífice de Lavado, o qual soube equacionar diferentes signos numa das tiras mais bem sucedidas de todos os tempos.

Notou-se que a construção dos sentidos nos textos analisados depende de uma atuação interativa do sujeito leitor, capaz de associar os recursos discursivos empregados pelo autor à

realidade social e histórica vivida na época e mais, cabe a ele perceber que Mafalda grita ao mundo suas temáticas atemporais, pois é espantoso que “ainda exista vida” num planeta destruído como a terra, “o mundo continua doente” e há governos que se mantêm no poder usando as “vitaminas” que possuem.

As análises confirmaram, portanto, que a leitura vai muito além da superfície textual, cabendo ao leitor interagir com o texto para a construção dos sentidos.

REFERÊNCIAS

BARAÚNA, Caren; CORREA, Gilmar; AZEVEDO, Luiza Elayne. **Projeto Clube da Mafalda**: Repensando as práticas midiáticas e sociais. XVII Prêmio Expocom, Intercom, 2011.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BRAGA JÚNIOR, Amaro Xavier. **Quadrinhos independentes**: usando imagens para contar muito mais que história. História, imagem e narrativas, n. 14, abril 2012.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

COELHO, Cláudia. **Parabéns, Mafalda**: 50 anos de um símbolo de resistência da América Latina. Revista Literatura. São Paulo, SP: Editora Escala, n. 55, p. 19-23, 2014.

ECO, Umberto. **Mafalda ou a Recusa**. In: LAVADO, Joaquín Salvador. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista/ Will Eisner; tradução Luís Carlos Borges, Alexandre Boide.- 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2001.

QUELLA-GUYOT, Didier. **A história em quadrinhos**. São Paulo: Unimarco Edit. e Ed.Loyola, 1994.

KOCH, Ingedore G. Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3ed reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. 9.ed. São Paulo:Contexto,2009.

_____. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Cortez, 2005. LAVADO, Joaquín Salvador. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LINS, Maria da Penha P. **O humor nas tiras de quadrinhos**: Uma análise de alinhamentos e enquadres em Mafalda. Vitória: Grafer. 2002.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso – Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes (2000).

PAIVA, Rachel et ali (org). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PAROLISI, Cláudia Mara Piloto da Silva. **Dos Quadrinhos aos “Quadrões” – Educomunicação e Semiótica**: Uma Proposta de Leitura Verbo-Visual a Serviço Do Multiletramento. 2007. Disponível em <<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/monografias-dissertacoes-e-teses/Educomunicacao%20e%20Seminotica.pdf>>. Acesso em: 7jun. 2014.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua**: análises linguísticas de piadas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

QUINO; [tradução Monica Stahel]. **10 anos com Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 2010.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

ROMERO, Luis Alberto. **História contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

THE CONSTRUCTION OF SENSES IN THE GENDER STRIPES: AN ANALYTICAL READING OF MAFALDA

ABSTRACT

This article aims to analyze the constitution of the senses in Quino's character Mafalda, for this study, the bibliographic research was used to analyze, discover and describe the compositional, thematic and stylistic characteristics that make up the genre textual strip. The theories of the text will serve as theoretical support for the analysis of the chosen corpus, evidencing which factors must be taken into account at the time of reading, pragmatic (focus on contextual situation) and cognitive order factors, besides reading the linguistic and visual plane. Three strips, starring Mafalda, will be analyzed to show how gender requires reading applicability of the subject, in a relation of interdependence of elements to be activated in the constitution of the textual senses, elements of linguistic, structural, historical and social order.

Keyword: Textual genre. Comic strip. Mafalda. Construction of the senses.